

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-
GRANDENSE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

**OFICINAS DIALÓGICAS:
REFLEXÃO E DIÁLOGO
A PARTIR DE
HISTÓRIAS DE VIDA**

GABRIELA OLIVEIRA DE CASTRO

ORIENTADORA: PROFA. DRA. CRISTHIANNY BENTO BARREIRO



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
1. INTRODUÇÃO	4
2. METODOLOGIA	6
3. OFICINAS DIALÓGICAS: REFLEXÃO E DIÁLOGO	10
3.1. OFICINA DIALÓGICA #0	10
3.1.1. Atividades entre as Oficinas Dialógicas #0 e #1	11
3.2. OFICINA DIALÓGICA #1	12
3.3. OFICINA DIALÓGICA #2	13
3.4. OFICINA DIALÓGICA #3	14
3.5. OFICINA DIALÓGICA #4	15
3.6. OFICINA DIALÓGICA #5	15
3.7. OFICINA DIALÓGICA #6	15
3.8. NUVEM DE PALAVRAS	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	18



APRESENTAÇÃO

Olá querido(a) educador(a)!

Meu nome é Gabriela, sou graduada em Letras – Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e em Administração pela Universidade Luterana do Brasil. Tenho atuado como educadora em cursos pré-vestibulares populares na cidade de Porto Alegre desde 2019. No Emancipa, ministrei aulas de inglês e no Curso Pré-Vestibular Popular Liberato, auxiliei na correção das redações dos simulados, ministrei aulas de inglês e fui membra da Coordenação. Minha atuação nesses movimentos em defesa da educação me instigou a buscar e pesquisar sobre o campo epistemológico da Educação Popular e, especialmente, sobre as narrativas de educadores de um curso pré-vestibular popular frente a um movimento em defesa da educação que luta pela inserção de pessoas pertencentes a classes sociais vulneráveis no ensino superior.

Esse material contém uma proposta de (auto)formação de educadores, utilizando-se como método a pesquisa-formação. A pesquisa que deu origem a este material tem como título “Oficinas Dialógicas: interlocuções entre histórias de vida e Educação Popular em um Curso Pré-Vestibular”, apresentada e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto Federal Sul-rio-grandense.

Em que pese a formação da pesquisa ter sido realizada com educadores de um curso pré-vestibular popular, a mesma pode ser utilizada igualmente para a formação de professores da educação formal.





1. INTRODUÇÃO

O conhecimento e a troca de saberes num ambiente escolar ou não-formal, como nos cursos Pré-Vestibulares Populares, têm por objetivo o avanço e a transformação da concepção de mundo através da práxis. Para tanto, faz-se necessário conhecer para transformar, utilizando-se de ações e vivências práticas. A realidade vigente é transformada e o conhecimento se dá na e pela práxis, a teoria e a ação. Segundo Konder (1992) a práxis é apresentada como sendo:

[...] a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática. (KONDER, 1992, p. 115)

A relação entre educadores e educandos e, entre os próprios educadores, está pautada na amorosidade e na autonomia, regida pela dialogicidade, despertando a vontade no outro de ser mais. Os educadores, estreitando vínculos afetivos e fortalecendo a troca de saberes, conduzem os educandos e a si próprios a uma prática reflexiva e crítica.

Freire (2011), em sua última obra publicada em vida, “Pedagogia da autonomia”, faz um chamamento aos educadores para que a partir da ética crítica, da competência científica e da amorosidade autêntica, amparados no engajamento político libertador, seja trabalhado com os educandos o sentido da expressão “ser mais”, significando um constante aprendizado, movimento e construção. O constante aprendizado, movimento e construção também fazem parte das vidas pessoais e profissionais dos educadores. A reflexão acerca da inconclusão suscitada pela pedagogia crítica freiriana encoraja e desafia os educadores para que uma educação crítica e libertadora seja desenvolvida.

O método da pesquisa-formação é a escolha metodológica para a realização dessa formação. O método da pesquisa-formação propicia a compreensão dos processos existenciais ao longo da vida, objetivando a percepção de cada educador sobre suas vivências, concepções, práticas e atuação. As histórias de vida, utilizadas

para o desenvolvimento da pesquisa-formação, são trabalhadas na forma de narrativa oral e escrita dentro de um grupo.

O objetivo geral da formação é a compreensão das narrativas de educadores. Considerando a diversidade de espaços formais e não-formais, os objetivos específicos podem ser adaptados conforme o espaço no qual os educadores estão inseridos.

Como sugestões de objetivos específicos têm-se:

- analisar a percepção de educadores acerca de suas práticas pedagógicas;
- descrever potencialidades e fragilidades, identificadas pelos educadores participantes, no contexto do espaço educacional;
- desenvolver oficinas dialógicas com educadores abordando temas relevantes ao espaço educacional em questão e também refletindo acerca de tópicos levantados pelos educadores;
- analisar a percepção dos educadores acerca da experiência de seu processo (auto)formativo.

No próximo capítulo, a escolha metodológica da formação é apresentada, utilizando-se como método a pesquisa-formação. O método da pesquisa-formação propicia a compreensão dos processos existenciais ao longo da vida, objetivando a percepção de cada educador sobre suas vivências, concepções, práticas e atuação. As histórias de vida, utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa-formação, são trabalhadas na forma de narrativa oral e escrita dentro de um grupo de educadores. O cronograma planejado e as atividades propostas nas Oficinas Dialógicas são descritas no capítulo 3, seguindo-se das considerações finais.





2. METODOLOGIA

A metodologia narrativa com o desenvolvimento do método da pesquisa-formação e os conceitos dos círculos de cultura freirianos guiam os passos metodológicos da formação.

A pesquisa-formação é um método sintetizado por Marie-Christine Josso (2004), a partir de diversos pesquisadores, Ferrarotti (1984), Dominice (1996), Pineau (1990), dentre outros, no qual as histórias de vida são trabalhadas na forma de narrativa oral e escrita dentro de um grupo. O desenvolvimento do trabalho com educadores tende a propiciar a compreensão de seus processos existenciais ao longo da vida, objetivando a percepção de cada um sobre suas vivências, práticas e concepções. A pesquisa-formação, através da reflexão sobre si mesmo, é utilizada por Josso (2010) como um instrumento de formação. A pesquisa-formação e suas técnicas se caracterizam como um importante processo de autoformação na medida em que há o desenvolvimento de diferentes formas de expressão, criando a possibilidade de desenvolver outras práticas de ensino e aprendizado (BARREIRO, 2009).

A pesquisa-formação integra o escopo das pesquisas narrativas, lançando um “olhar para o eu interior no social” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 6), indicando que o contexto social em que os sujeitos estão imersos constitui a formação de cada “eu” pessoal. Tanto a pesquisa-formação quanto os círculos de cultura pressupõem um trabalho de reflexão para que, por meio de uma construção de relações dialógicas e de conhecimentos partilhados, a consciência crítica se desenvolva, preferencialmente, aliada a uma transformação do meio no qual os sujeitos da formação estão inseridos. No círculo de cultura há a figura de um coordenador, representada pelo educador proponente da formação, e os participantes, representados pelos outros educadores. Em que pese o papel do coordenador/mediador da formação, o mesmo também desempenha todas as atividades e tarefas propostas, juntamente com os educadores participantes. A tomada de consciência se dá a partir do processo do conhecimento de si mesmo (JOSSO, 2004).

◆
◆
O processo de formação dos educadores se dá ao longo da vida, todos os âmbitos (vida pessoal, social e profissional) influenciam a constituição do ser no



presente. Dewey (1978, p.7) destaca a importância da inter-relação entre educação, experiência e vida:

A educação é como processo direto da vida, tão inelutável como a própria vida. [...] O conceito de vida não é limitado ao plano restrito da biologia, mas também ao da existência social. [...] O que a nutrição e a reprodução representam para a vida fisiológica, a educação é para a vida social.

As palavras vivências e experiências representam conceitos diferentes na pesquisa narrativa. As vivências possuem um caráter particular e influenciam nossas interações conosco e com os outros (pessoas e meio-ambiente). Muitos são os contextos formadores no “caminhar” da vida dos educadores, a formação se dá a partir de um processo reflexivo das vivências, às quais, após esta etapa analítica e reflexiva, tornam-se experiências. As vivências podem se tornar experiências formadoras após a realização de “certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido” (JOSSO, 2004, p. 48).

A pesquisa-formação utiliza as histórias de vida como processo de reflexão e formação, conduzindo educadores a uma escuta atenta e consciente, em que a “observação de si mesmo implica uma aprendizagem” (JOSSO, 2004, p. 127). Ao compartilhar histórias, compreendemos e ressignificamos nossas experiências e aprendizados:

[...] experiências são as histórias que as pessoas vivem. As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros [...] (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 27)

A importância da autoformação a partir de práticas narrativas utilizadas em cursos de formação inicial e continuada é corroborada por Nóvoa (2009, p. 39), ao argumentar que “é importante estimular [...] práticas de autoformação, momentos que permitam a construção de narrativas sobre as suas próprias histórias de vida pessoal e profissional”.

Todas as experiências, sejam as pessoais ou profissionais, impactam o “ser educador”, tendo efeitos sobre a construção de sua identidade como educador, sem deixar de lado o eu pessoal. Todas essas identidades se entrelaçam e inter-





relacionam, caracterizando e compondo diferentes formas de ser e agir nas distintas situações de vida. Pensar a docência como educador nos mais distintos espaços ocupados, refletir as vivências anteriores, entender que a vida é um eterno aprendizado tende a desvelar um crescimento quando os conhecimentos são compartilhados com nossos companheiros de caminhada de vida.

Com base na concepção dos círculos de cultura preconizados por Freire (1983) para a alfabetização de adultos e nas obras de Josso (2004 e 2010), essa formação propõe a realização de Oficinas Dialógicas.

Entende-se, círculo de cultura como:

[...] uma idéia que substitui a de “turma de alunos” ou a de “sala de aula”. “Círculo”, porque todos estão à volta de uma equipe de trabalho que não tem um professor ou um alfabetizador, mas um animador de debates que, como um companheiro alfabetizado, participa de uma atividade comum em que **todos se ensinam e aprendem** [*grifo meu*]. (BRANDÃO, 1981, p. 23)

Josso (2004) aproxima-se da epistemologia freiriana ao propor uma educação libertadora e transformadora, defendendo, assim como Freire (1983), o direito das pessoas de relatarem o seu mundo, dizerem sua palavra. A autora milita em prol de uma “humanidade partilhada”, pois estamos “em um mundo tão sofredor de laços impossíveis, rompidos, recusados, traídos, maltratados, entre os seres e os povos”, ela tem a esperança de que “os procedimentos histórias de vida se multipliquem, a fim de que todos aqueles e aquelas que os utilizam e os vivenciam possam encontrar, por meio dessa forma particular, um novo laço social, um caminho de humanidade partilhada” (JOSSO, 2006, p. 383).

No método da pesquisa-formação, o conhecimento é construído a partir do que os participantes compartilham acerca de suas vivências, levando-se sempre em consideração os contextos sociais. É necessário que o social seja rememorado, revivido para estudá-lo e compreendê-lo.

As Oficinas Dialógicas promovem um amplo processo de aprendizagem, nas quais a sintonia entre os educadores e o “entrar” nas histórias de vida um do outro mobilizam um movimento crescente de diálogo e trocas. De acordo com Brolezzi (2014, s.p.), essa mobilização entre as pessoas “é importante para a abertura para o mundo exterior, transcendendo a circunscrição do sujeito, necessária para abrir-se a conhecimentos novos”. A empatia pressupõe sentimentos e atitudes, tais como

aceitação, pertença e amizade, que tendem a fortalecer as relações, tornando-as mais saudáveis e verdadeiras.

As atividades propostas nas Oficinas Dialógicas são realizadas em seis encontros, conduzindo à produção de conhecimento e (auto)formação dos educadores envolvidos. A perspectiva participativa, com respeito e diálogo compreensivo, proposta nas Oficinas Dialógicas remete a uma concepção emancipatória e se caracteriza como um espaço de produção de conhecimento e transformação do meio no qual os educadores estão inseridos.





3. OFICINAS DIALÓGICAS: REFLEXÃO E DIÁLOGO

A formação compreende um total de seis Oficinas Dialógicas na modalidade on-line, utilizando-se a ferramenta *Google Meet*. As Oficinas compreendem encontros de duas horas com frequência quinzenal e duração de três a quatro meses nos dias e horários mais adequados aos educadores participantes. Para que os prazos acima sejam cumpridos, recomenda-se a realização das Oficinas com uma média de seis a oito educadores.

A plataforma online *Mentimeter*, usada para a criação de recursos interativos, como nuvem de palavras, é utilizada a fim de registrar palavras que expressem os sentimentos e/ou os aprendizados dos educadores ao final de cada Oficina Dialógica. As nuvens de palavras se caracterizam como um método heurístico de análise, apontando um caminho para o quê se observar e ampliando a reflexão sobre as temáticas discutidas. Os recursos gráficos representados pelas nuvens de palavras mostram a frequência com que cada palavra é utilizada através de tamanhos e cores diferentes.

As atividades a serem desenvolvidas em cada Oficina Dialógica são descritas na sequência, sendo que adaptações em função do contexto socio-educacional sempre podem ser avaliadas e realizadas.

3.1. OFICINA DIALÓGICA #0

A Oficina Dialógica #0 se configura como a apresentação da proposta de formação e conseqüente convite de participação para os educadores. Caso o espaço educacional no qual a formação será realizada já possuir um grupo fechado de educadores participantes, pode-se realizar as atividades propostas nesse item na próxima Oficina Dialógica.

Em uma reunião ou outro espaço de diálogo no qual os educadores estejam reunidos, o projeto da formação é apresentado com o auxílio de um arquivo elaborado contendo basicamente as seguintes informações:

- Título da formação;
- Objetivo geral;





- Metodologia (pesquisa-formação);
- Oficinas Dialógicas (atividades a serem realizadas);
- Cronograma (em meses);
- Informações gerais (certificação e garantia do anonimato e sigilo);
- Bibliografia.

Após apresentação e questionamento acerca de dúvidas e/ou questões, os educadores são convidados a participar da formação. Todos os educadores que se mostram interessados durante a reunião ou após a mesma, recebem um link para preenchimento de um questionário com o título sugerido: “Perfil do(a) Educador(a)”, no qual informações acerca da formação acadêmica, experiência profissional e dias/horários disponíveis são coletados.

3.1.1. Atividades entre as Oficinas Dialógicas #0 e #1

A partir da análise da disponibilidade da maior parte dos educadores, o dia e horário das Oficinas é estabelecido. Como sugestão para agilizar a comunicação, um grupo no aplicativo *WhatsApp* é criado com todos os educadores que se mostraram disponíveis no mesmo dia e horário. Os educadores que não se encaixam na agenda estabelecida devem ser notificados acerca da impossibilidade de participação em função da disponibilidade da maioria e convidados e participar em uma próxima oportunidade.

A proposta dessa formação integrou uma pesquisa a nível de Mestrado, portanto a ação descrita a seguir, envolvendo recursos financeiros foi realizada. No entanto, a ação é totalmente opcional e pode ser suprimida ou substituída por outra alternativa com um custo mais acessível. Após a definição da data da primeira Oficina Dialógica, cada educador incluído no grupo do *WhatsApp* recebe, em sua residência ou outro endereço escolhido, um caderno e uma caneca com as inscrições do título da formação, por exemplo “Oficinas Dialógicas 2023” para serem usados durante as Oficinas. O caderno é utilizado para anotações em geral e para a escrita da história de vida, se assim os educadores desejarem. A caneca é um símbolo de partilha durante as Oficinas Dialógicas que acontecem na modalidade on-line. Todos são convidados a partilhar, mesmo que remotamente, um café, um chá ou, até mesmo, uma água na caneca das “Oficinas Dialógicas 2023”. O sentido de partilha está



intimamente relacionado com o coletivo, uma vez que o trabalho realizado pelos educadores é uma eterna partilha de saberes e empatia, segundo Campos e Stein (2019, p. 424): “a emancipação humana não se dá no individualismo, mas no coletivo de sujeitos que, são históricos e dotados de vivências que precisam ser partilhadas por meio de diálogos, onde se saiba ouvir o que o outro tem a dizer, valorizando seus saberes e cultura”.

3.2. OFICINA DIALÓGICA #1

Na Oficina Dialógica #1, à medida que os educadores acessam a sala on-line, eles são solicitados a trazer e utilizar os materiais recebidos (caneca e caderneta). Dessa forma, a utilização da caneca como símbolo de partilha é explicada (ver subitem 3.1.1).

Na Oficina Dialógica #1, uma apresentação na ferramenta *Power Point* é elaborada previamente e utilizada na data agendada para uma melhor condução das atividades e esclarecimentos de questões em relação ao objetivo geral da formação e o método pesquisa-formação. O método da pesquisa-formação e as histórias de vida, conforme preconizado por Josso (2004) são abordados para que todos entendam a proposta do processo de ampliação da consciência, reflexão e autoformação envolvidas nas Oficinas Dialógicas.

Respeitando-se a ética em pesquisa científica, alguns ritos protocolares são seguidos, dessa maneira, a abertura da primeira Oficina Dialógica acontece com a leitura do termo de consentimento e a aprovação verbal de todos os participantes. Além disso, informações sobre a garantia do anonimato e do sigilo de todas as informações coletadas durante a formação são repassadas. Com o objetivo da manutenção do anonimato e do sigilo das identidades dos educadores, é solicitado que os mesmos pensem em um codinome a ser utilizado na transcrição e análise das Oficinas.

Como tarefa para a Oficina seguinte, os educadores ficam incumbidos de selecionar no mínimo 10 objetos, que podem ser fotos e/ou imagens, documentos ou quaisquer objetos que representem momentos importantes da sua vida pessoal e formativa. Também é esclarecido que a seleção e apresentação dos itens serão utilizados para que a história de vida de cada um seja narrada a partir das



fotos/imagens trazidas. É explicado que os objetos serão compartilhados com todos na Oficina seguinte, acompanhados de uma explicação acerca da razão da seleção.

Sugere-se que a Oficina seguinte já seja agendada no final do encontro vigente para que todos possam verificar suas agendas e se organizar.

Ao final da Oficina Dialógica #1, solicita-se que os educadores digitem na ferramenta *Mentimeter* três palavras que resumam a Oficina realizada. Todos os participantes digitam suas palavras selecionadas, incluindo-se a mediadora.

3.3. OFICINA DIALÓGICA #2

Após o ingresso dos educadores na sala virtual, antes do início das apresentações dos objetos, é importante que uma breve fala acerca da importância de uma escuta atenta e sem julgamentos seja realizada. Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Compromisso*, traz como uma convicção que considera fundamental a necessidade de se saber escutar.

É necessário aprender a escutar. Há quem acredite que falando se aprende a falar, quando na realidade é escutando que se aprende a falar. Não pode falar bem quem não sabe escutar. **E escutar implica sempre em não discriminar.** [grifo meu] (FREIRE, 2018, p. 44)

Na sequência, os educadores são informados de que podem anotar questões e perguntas para serem realizadas após a fala de cada colega. As questões podem ser realizadas verbalmente ou digitadas no chat. Essa interação sobre a narrativa exposta se mostra importante à medida que os pontos levantados levam a reflexões e relações com outras memórias e vivências não trazidas na primeira fala de apresentação dos objetos.

As apresentações dos objetos iniciam e, caso os educadores não se voluntariem para iniciar a atividade, a mediadora pode fazê-lo. Considerando que talvez os educadores estejam um pouco tímidos ou receosos em questionar os colegas, sugere-se que a mediadora anote algumas questões para que um diálogo aconteça após cada apresentação. O tempo estimado para a apresentação dos objetos pelos educadores é de 10 minutos e é importante que se considere mais uns 10 minutos de interação e dialogicidade entre todos após cada apresentação. Um

encontro de duas horas normalmente se faz suficiente para a apresentação dos objetos de todos os educadores, calculando-se a participação de seis educadores.

No final da Oficina Dialógica #2, solicita-se que os educadores digitem três palavras que resumam a Oficina realizada, a ferramenta *Mentimeter* é utilizada para a atividade. Como atividade para a Oficina seguinte, solicita-se que os educadores tragam suas histórias de vida no formato escrito para serem lidas e compartilhadas com os colegas.

Para que a escrita da narrativa seja elaborada, Josso (2010) explica que uma atividade anterior à escrita deve fazer parte do processo, por esse motivo a narrativa oral com a apresentação dos objetos acontece anteriormente à escrita da história de vida. De acordo com Josso (2010, p.189): “A escrita da narrativa e a reflexão sobre esta é um momento importante na designação do que foi formador num percurso, mas esse momento é tornado possível graças a uma atividade anterior em torno da elaboração da narrativa”.

É oportuno que se considere de duas a três semanas de intervalo entre as Oficinas Dialógicas #2 e #3 para que os educadores tenham tempo hábil para a escrita da história de vida.

3.4. OFICINA DIALÓGICA #3

A leitura e compartilhamento das histórias de vida que são escritas pelos educadores começam a ser trabalhadas a partir da Oficina Dialógica #3. Estima-se que 30 minutos seja suficiente para a socialização da história de vida e sugere-se reservar mais 30 minutos para o diálogo sobre a história de vida relatada. Dessa forma, duas histórias de vida são trabalhadas na Oficina Dialógica #3, #4 e #5.

Levando-se em consideração que os educadores ou já se conhecem do espaço educativo onde atuam ou se conheceram melhor na Oficina Dialógica #2, na qual os objetos foram compartilhados, o tempo de 30 minutos para o diálogo é fundamental. Dúvidas, questões e pontos de convergência tendem a surgir entre os educadores, o que os levará a reflexão e autoformação.

A mediadora questiona se algum educador se voluntaria para ser o primeiro a compartilhar sua história de vida, caso os educadores estejam tímidos ou impossibilitados de iniciar, a própria mediadora pode fazê-lo. A mediadora deve

lembrar aos educadores a importância da escuta atenta, sem julgamentos e a possibilidade de anotar as questões para o diálogo posterior.

No final da Oficina Dialógica #3, utiliza-se a ferramenta *Mentimeter* para o registro das três palavras que resumam a Oficina realizada.

3.5. OFICINA DIALÓGICA #4

Na Oficina Dialógica #4, seguindo-se o cronograma pré-estabelecido, mais duas histórias de vida são lidas, seguindo-se dos diálogos e reflexões acerca dos pontos narrados nas histórias.

No final da Oficina Dialógica #4, utiliza-se a ferramenta *Mentimeter* para o registro das três palavras que resumam a Oficina realizada.

3.6. OFICINA DIALÓGICA #5

Na Oficina Dialógica #5, seguindo-se o cronograma pré-estabelecido, mais duas histórias de vida são lidas, seguindo-se dos diálogos e reflexões acerca dos pontos narrados nas histórias.

Para a Oficina Dialógica #6, todos os educadores, considerando-se os diálogos e reflexões realizados ao longo da formação, são convidados a reescrever ou acrescentar informações/dados que considerem importantes nas suas histórias de vida. As alterações, inclusões ou supressões são socializadas no encontro seguinte, que é o último encontro da formação. Ao final da Oficina Dialógica #5, utiliza-se a ferramenta *Mentimeter* para o registro das três palavras que resumam/definam a Oficina realizada.

3.7. OFICINA DIALÓGICA #6

◆ A Oficina #6 é o fechamento da formação e, nesse encontro, os educadores relatam se, após o diálogo e as reflexões, algum ponto das suas histórias de vida é

passível de alteração, acréscimo ou supressão. Ademais, também é solicitado que se expressem acerca da totalidade da formação, caso assim o desejem.

Ao final da Oficina Dialógica #6, utiliza-se a ferramenta *Mentimeter* para o registro das três palavras que resumam/definam a Oficina realizada.

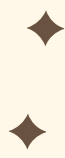


3.8. NUVEM DE PALAVRAS

As Oficinas Dialógicas geram seis imagens de nuvens de palavras com os dados inseridos no Mentimeter ao final de cada Oficina Dialógica. O objetivo é de que cada formação completa (isto é, as seis Oficinas Dialógicas) que aconteça, uma nuvem de palavras seja gerada como uma representação da formação. Para tanto, todas as palavras registradas nas seis nuvens de palavras são tabuladas em uma planilha eletrônica (Excel) para a verificação e análise das palavras mais digitadas. Para a nuvem de palavras que caracterizará a representação final, sugere-se a geração de uma nova nuvem de palavras com a seleção das palavras que foram digitadas três vezes ou mais.

A nuvem de palavras representando todas as Oficinas deve ser socializada com todos os educadores, já que todos participam ativamente na sua construção. Como a proposta dessa formação integrou uma pesquisa a nível de Mestrado, uma *ecobag* foi confeccionada com a imagem da nuvem de palavras final gerada.





4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Oficinas Dialógicas compreendem momentos de trabalho individual e em grupo, alternadamente, envolvendo reflexão e diálogo. Os educadores constroem suas histórias de vida cumprindo determinadas etapas na formação, gerando um processo de autoconhecimento.

Já na primeira etapa, a da escolha dos objetos, a própria história e vivências são repensadas. Todas as etapas se mostram formadoras, no entanto a interação entre os educadores na etapa da leitura da história de vida se mostra de suma importância para a formação. Os pontos levantados na leitura das histórias de vida tendem a levar a reflexões e relações com outras memórias e vivências não trazidas na primeira fala de apresentação dos objetos. Nesse espaço de diálogos e interações, os educadores têm a possibilidade de ver além do próprio horizonte vivido e narrado, com a mediação das experiências dos demais educadores.

Novos elos e parcerias são criados e selados, o que fortalece o trabalho nos diferentes espaços ocupados pelos educadores. O aprendizado é gerado em todos os momentos do processo, seja durante as oficinas dialógicas ou na reflexão e elaboração dos momentos das tarefas individuais e que, após, são compartilhadas e dialogadas com todos. A perspectiva participativa proposta nas Oficinas Dialógicas remete a uma concepção emancipatória e se caracteriza como um espaço de produção de conhecimento e transformação do meio no qual todos estão inseridos.

O processo de ensino-aprendizagem, caracterizado por atividades comuns onde todos ensinam e todos aprendem, desenvolvido a partir das narrativas das histórias de vida e suas sequentes reflexões e diálogos, pode acontecer nas mais diversas formas de expressão e espaços. As Oficinas Dialógicas se constituem num espaço em que todos os educadores tem a possibilidade de reconhecer e valorizar suas vivências, transformando-as em experiências (auto)formadoras, possibilitando o alargamento do conhecimento de si, dos outros educadores e do meio que os uniu.





REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BROLEZZI, Antonio Carlos. Empatia na relação aluno/professor/conhecimento. **Encontro**: Revista de Psicologia. São Paulo: Vol. 17, Nº. 27, 2014.

CLANDININ D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DEWEY, J. **Vida e Educação**. Tradução e estudo preliminar por Anísio Teixeira. 10 ed. São Paulo: Melhoramentos: [Rio de Janeiro]: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

DOMINICE, Pierre. **L'histoire de vie comme processus de formation**. Paris, Harmattan, 1996.

FERRAROTTI, F. **Une théologie pour athées**. Paris, Librairie des Méridiens, 1984.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 14ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do compromisso**: América Latina e educação popular. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2018.

JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo. v. 32, n. 2, p. 373-383, maio/ago, 2006.

_____. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

_____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis**: o pensamento de Marx no século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

NÓVOA, A. **Professores Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PINEAU, G. **Germination des histoires de vie en formation de formateurs**. Education-Formation. Liège Université de Liège, nº 217-218, pp. 68-78, 1990.

